

O DESAFIO DO GOSTO: PRÁTICAS DE LEITURA, CÂNONE E EXCLUSÃO

ANDERSON FRANCISCO RIBEIRO (UEL).

Resumo

Considerando as perspectivas de abordagem das práticas culturais de leitura, concebe-se a relação entre os gostos de classes, definidos pelas discussões sobre “gosto” por Pierre Bourdieu, as práticas culturais por Roger Chartier e as práticas ordinárias de Michel de Certeau, sendo a possibilidade de buscar compreender a relação entre leitura e gosto, onde certas literaturas são excluídas por não estarem dentro de uma lista de cânones pré-definidos. Quem diz o que é e o que não é literatura? Como podemos perceber, leituras como HQs, revistas de grande tiragem sobre moda, fotonovelas, pornografia, mas consideradas sem conteúdo, para pessoas com inteligência limitada. Discussão que abordaremos através do conceito de práticas ordinárias, “anti-disciplina”, como define Certeau. Isso perpassa pela distinção entre as propostas relativas aos gostos de “classes”, e sua definição, a partir de uma série de divergências teóricas. Apresentaremos a partir de Pierre Bourdieu em seus estudos sobre a relação do conceito de “campo”, “habitus” e “capital cultural”, as possibilidades para definir o nosso trabalho desta linha tênue entre o cânone e a exclusão. Isso nos traz indagações sobre a relação de gosto de “classes”, definindo as propostas para este conceito, entre “cultura letrada” e “cultura popular”, ainda aberto para novas abordagens.

Palavras-chave:

Prática de leitura, Cânone Literário, Exclusão.

Percebemos infindades de novas publicações a cada ano no Brasil e no mundo, e nisso incluso inúmeros escritos, livros, resenhas, revistas, blogs, e ao mesmo tempo persistimos em uma taxa de analfabetismo muito alta. O que lemos e por que lemos o que lemos?

Por essa razão, encontramos, a Academia, o local onde sentencia o que é importante e o que não é importante lermos, inserida numa luta de “campos”[1] de grupos sociais que tentam legitimar, através dos seus jogos de poder, já que ainda nesse embate há uma aproximação de novas práticas de leitura e novos grupos de leitura, como uma articulação de autoridades, cada qual com o seu próprio capital cultural[2].

Este texto tem como levantamento da teoria do gosto de Pierre Bourdieu, em seus artigos *Gostos de classes e estilos de vida* e *Metamorfoses do gosto*, assim aos poucos tentando resgatar, desta forma, de que a distinção de gosto dá-se através da classe social pertencente. Apesar de concordarmos em parte com essa teoria, propomos a reavaliar desse conceito a partir de uma leitura mais apurada da obra de Roger Chartier e Michel de Certeau dos quais poderão contribuir para este trabalho.

Como já mencionado, há uma enorme produção escrita e há existência de práticas de leitura que são desconsideradas por parte da sociedade e assim ficam marginalizadas como: HQ, revista de grande tiragem, fotonovelas, pornografia, e que são consumidas em grande quantidade pela nossa sociedade, e não são consideradas como artefato cultural, tendo como seu leitor a pessoa alienada ou ignorante, descrente dos gostos mais refinados.

Dentro dessa discussão, os conceitos de Bourdieu nos ajudarão a entender como esse *desafio do gosto*, o que se deve ou não gostar, é um processo de uma utilização de um poder simbólico por parte de grupos que dominam certos códigos dos quais são exclusivos, fechados dentro de campos fechados, construindo assim seu espaço:

[...] são propriedades atuantes, ele pode ser descrito também como um campo de forças, quer dizer, como um conjunto de relações de força objetivas impostas a todos os que entrem nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interações diretas entre os agentes. (BOURDIEU, 2000, p. 133-134)

Como percebemos existem intenções próprias de cada campo, utilizado entre seus pares que acabam por estabelecer normas, como nos mostra Michel Foucault também em sua aula inaugural no *Collège de France, A ordem do discurso*[3], onde na verdade em contato com um texto ou mesmo relacionado a alguma Instituição estamos presos a procedimentos interiores (Comentário, Princípio de Autoria, Disciplinas) e exteriores (Interdição, Separação / Rejeição, Vontade de Verdade) do discurso que na verdade limitam nosso espaço na interpretação dos textos e na própria produção do escrito:

Nesse sentido, entram em cena diversas instâncias que procuram definir o que é arte qualificando-a como superior ou inferior, erudita ou popular, alta ou baixa e assim por diante. Nesse aspecto, determinados bens simbólicos são tachados como superiores enquanto outros podem ser objetos de consumo em massa. (JOANILHO, 2008, p. 533)

Assim, somos presos a uma relação do que é o gosto de acordo com a Instituição, onde somos desde crianças, dentro do circuito da escola presos numa teia onde o que é bom ou ruim para se ler está normalizado pelas escolas. O livro correto, a forma de ler, os cânones, tudo isso, a academia acaba por negar a legitimidade ao diferente, ao menos que seja de acordo com suas normas, sendo assim, a HQ's, revistas são expulsas do meio acadêmico, ficando a sua margem.

Mas compreendemos que as coisas são feitas dessa forma. Novas comunidades de leitores reúnem-se, ou compartilham de idéias semelhantes na troca de fanzines, quadrinhos, surgindo assim, novas comunidades de leitura, fora do contexto da escola, criando suas próprias regras e espaços de leitura.

Para resgatarmos o sentido desta distinção, desse desafio que estamos propondo, Roger Chartier poderia nos ajudar a entender a partir dessa noção de apropriação, buscando [...] uma história social das interpretações, remetida para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. (CHARTIER, 1990, p. 26).

Reconhecendo essas práticas culturais também como válidas, situadas dentro de uma forma diferente de apropriação cultural, onde é feita por determinados grupos sociais e aí a divergência com as classes de Bourdieu, sendo não antagônica. Mudamos a nossa idéia para que Certeau nos ajude a compreender da forma que quem consome também produz:

[...] Em lugar de um nomadismo ter-se-ia então uma "redução" e um estacionamento: o consumo, organizado por um mapeamento expansionista, assumiria a figura de uma atividade de arrebanhamento, progressivamente imobilizada e "tratada" graças à crescente mobilidade dos conquistadores do espaço que são os meios de massa. Fixação dos consumidores e circulação dos meios. Às massas só restaria a liberdade de pastar a ração de simulacros que o sistema distribui a cada um/a. Eis precisamente a idéia contra a qual me levanto: não se pode admitir tal representação dos consumidores. (CERTEAU, 1994, p. 260).

Somos jogados numa rede onde a imposição do sentido, nos mostra o gosto como sendo diferente daquele que as regras mandam. Como Johan Huizinga nos mostra o homem está sempre num jogo, sempre em guerra. Não podemos esquecer que para isso ele se defende com seus próprios artificios, suas práticas pela sua própria *ratio*:

[...] imposições, ele toma o texto para si e o faz funcionar de outro modo, criando formas diferentes de leitura e de compreensão em conformidade com a sua posição social, experiências de vida, educação. Enfim, a sua história lê histórias. Porém, as publicações buscam alcançar essa 'disfunção' que ocorre no tempo a partir do lugar, ou seja, se aproximar dessas práticas cotidianas, levando para o leitor aquilo que ele próprio deseja. Há, portanto, um jogo de aproximações e fugas. (JOANILHO, 2008, p. 537)

Aqui percebemos a importância desses "artefatos culturais" e suas práticas para entendermos as formas de organização social, modo de agir no cotidiano, seu desvio em relação as regras, e sua briga de poderes, que constam dentro do campo científico:

[...] Essa ficção do "tesouro" escondido na obra, cofre-forte do sentido, não tem evidentemente como base a produtividade do leitor, mas a instituição social que sobredetermina a sua relação com o texto. A leitura fica de certo modo obliterada por uma relação de forças (entre mestres e alunos, ou entre produtores e consumidores), das quais ela se torna o instrumento. A utilização do livro por pessoas privilegiadas o estabelece como um segredo do qual somente eles são os "verdadeiros" intérpretes. Levanta entre o texto e seus leitores uma fronteira que para ultrapassar somente eles entregam os passaportes, transformando a sua leitura (legítima, ela também) em uma "literalidade" ortodoxa que reduz as outras leituras (também

legítimas) a ser apenas heréticas (não “conformes” ao sentido do texto) ou destituídas de sentido (entregues ao ouvido). [...] (CERTEAU, 1994, p. 266-267, grifo do autor)

Aqui vemos que com essa pretensa autoridade, exige que ela seja inquestionável e por essa razão ser universal, produzindo assim formulações próprias do campo. Então essa imposição do que serve, do que é qualificável, do que é importante nessa relação, temos por certos que:

Acompanhando estes procedimentos na análise e crítica, é possível observar que todo bem cultural dirigido às massas passa por uma não-análise, quer dizer, há uma derrisão em torno desses artefatos que não merecem a tinta do crítico de arte. Quando este se dispõe a fazer algum estudo sobre esse tipo de bem, é para desqualificá-lo, caso das revistas femininas populares que recebem freqüentemente a pecha de sublitteratura ou, simplesmente, não literatura, não merecendo sequer uma análise dos seus princípios narrativos, estéticos e estilísticos. Mesmo porque não possui internamente as qualidades necessárias para que possa alcançar o status de obra literária, enquanto tem todos os elementos externos para qualificá-la como produto da cultura de massa, tais como produção em larga escala, histórias repetitivas e sem qualidade literária, personagens sem profundidade psicológica, happy-ends, conflitos sociais reduzidos a problemas individuais etc. (JOANILHO, 2008, p. 531)

Dentro do espaço dessa discussão colocamos a posição de Bourdieu que vai nos mostrar como dentro deste processo, ao se tratar do erudito, caímos dentro de seu campo social, distanciando assim das produções culturais consideradas legítimas, e tornando parte de uma indústria cultural, onde se reproduz essa idéia de gosto popular:

[...] ao contrário do sistema da indústria cultural que obedece à lei da concorrência para a conquista do maior

mercado possível, o campo da produção erudita tende a produzir ele mesmo suas normas de produção e os critérios de avaliação de seus produtos, e obedece à lei fundamental da concorrência pelo reconhecimento propriamente cultural concedido pelo grupo de pares que são, ao mesmo tempo, clientes privilegiados e concorrentes. [...] (BOURDIEU, 2007, p. 105)

Nessa concorrência, situar o espaço do que entendemos por cultura, usaremos a reflexão do historiador francês Roger Chartier que vai dar visibilidade às imbricações culturais e não divisões de classe (apropriações, reempregos e desvios), circularidades, intercâmbios, influxos recíprocos, não havendo assim, uma noção de superioridade de uma determinada modalidade cultural sobre a outra, sendo assim, oriundas de origem bastante diversas onde se agrupam[4].

A partir deste conceito de cultura remodelado, Chartier propõe dois conceitos relevantes na questão a este tipo de análise cultural, o conceito de apropriação e da representação.

Esse conceito de apropriação é o *“definir do consumo cultural como uma operação de produção que embora não fabrique nenhum objeto, assinala sua presença a partir de maneiras de utilizar os produtos que lhe são impostos”* (CHARTIER, 1991)

Nesse sentido as práticas de apropriação (táticas) através das operações (estratégias) visam regular o consumo cultural. E para isso necessitamos do conceito de representação o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais. (CHARTIER, 1990)

Com esses conceitos, são formadas as identidades sociais das quais as relações de força (criação/consumo ou produção/recepção) se dão: representações impostas que embatem nas resistências, produzidas por si mesmas.

Ao focar suas variações, Chartier compreende três modalidades que regulamentam as variantes de sua utilização, compreensão e apropriação dos textos e ajudam a compreender as leituras e leitores em suas diferenças: contrastes entre as competências da leitura; contrastes entre normas de leitura – definem para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler,

procedimentos de interpretação; contrastes entre as expectativas e os interesses que os diferentes grupos de leitores investem nesta prática (ler para se informar, para se inspirar, por prazer/fruição). (CHARTIER, 1991)

Seguindo Foucault, Chartier nos mostra que o caminho para se fazer a História da Leitura passa não só pelas práticas de recepção dos textos, mas também dos dispositivos que tentam normalizá-la, modelá-la, controlá-la. Para ele: "A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...) Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor." (CHARTIER, 1999, p. 77)

Ainda na discussão, apontamos o processo de estruturação social, que para Bourdieu coloca seu conceito de *habitus*[5] de classe e o relaciona ao seu entendimento de classe social. Para ele, classe social deve ser tratada em relação não com o indivíduo ou com uma população, mas sim com o *habitus* de classe, que é definido como um sistema socialmente constituído de disposições (tendências, aptidões, inclinações, talentos) que orientam pensamentos, percepções, expressões e ações.

Assim não há elemento que demonstre que uma cultura seja superior à outra, mas há a existência de valores (distinção) dentro das posições dos grupos sociais, que a legitimam. Criando assim mais valores, e excluindo o que não tem esse valor de raridade:

[...] a cada nível de distribuição, o que é raro e constitui um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior, torna-se banal ou comum, e se encontra relegado à ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento de novos consumos, mais raros e portanto, mais distintivos.(BOURDIEU, 1983a, p. 85)

A partir desses apontamentos, indicamos a possibilidade de estudar essa relação aos gostos entre classes, essa "distinção", e entender que os bens precedem o gosto (dos produtores) sendo assim usada uma relação simbólica dentro de campos distintos, onde nós também somos criadores(ou re-criadores) e que podemos desfazer a idéia da produção como uma coisa sagrada, como se ficássemos sentados lendo uma revista e não sentir excluído por isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983a p. 127-135.

_____. **Pierre Bourdieu**: sociologia. Organizador da coletânea Renato Ortiz: Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendt. – São Paulo: Ática, 1983b

_____. **O Poder Simbólico**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 2003.

_____. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações. Lisboa: DIFEL,

1990.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP, 1999

_____. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. O conceito "capital cultural" em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 25, n. 2, 503-524, jul./dez. 2007

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura F. A. Sampaio. Campinas: Loyola, 1998

JOANILHO, André Luiz Joanilho. JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. Sombras literárias: a fotonovela e a produção cultural. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, nº 56, p. 529-548 – 2008

[1] [...] espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes [...]. Há leis gerais dos campos: campos tão diferentes como o campo da política, o campo da filosofia, o campo da religião possuem leis de funcionamento invariantes (BOURDIEU, 1983b, p. 89).

[2] Para o entendimento do conceito “capital cultural”, seria necessário um aprofundamento das análises produzidas por Bourdieu em seus primeiros escritos e que tomaram emprestadas várias terminologias da Antropologia, como as palavras “herdeiros” e “capital”, esta última tributária da Antropologia econômica para designar uma troca cultural

[3] Aula inaugural no Collège de France (dezembro de 1970), substituição de Jean Hyppolite na disciplina "**História dos sistemas de pensamento**".

[4] A questão que Chartier propõe é diversa de outras devido a não ver Cultura de Elite e Cultura popular, mas sim imbricações de culturas. (CHARTIER, 1990)

[5] O conceito de *habitus* pode ser entendido como o conjunto das disposições inconscientes que estariam presentes em diferentes sujeitos, disposições que seriam o resultado da interiorização de complexas estruturas objetivas presentes numa sociedade. Sendo assim, as condições sociais distintas produzem nos sujeitos disposições distintas e, conseqüentemente, *habitus* de classe: grupos identificáveis de subjetividades que, partilhando certas características em comum, se articulam por esta via indireta com as diferenciadas posições objetivas das classes sociais.